

NÓS DA REDE



Boletim da Rede de Educação Popular e Saúde - Nº 8 • Janeiro/2009

www.redepopsaude.com.br

Editorial

Com satisfação a Rede de Educação Popular e Saúde, em parceria com o GT Educação Popular e Saúde da Abrasco (Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva), apresenta este 8º número do Boletim NÓS DA REDE. Em tempos de internet, de informações rápidas, além das listas virtuais de discussão que já existem, queremos também investir num formato de comunicação de leitura mais vagarosa, para melhor saborear as palavras e as ideias.

A construção deste número demandou a energia de muitos companheiros e companheiras que pensam, em espaços diversos, a Educação Popular como mediação para as lutas e a conquista da saúde. As narrativas evocam experiências e vivências de luta coletiva, fortemente ancoradas nas realidades locais, falando a linguagem do não-conformismo diante da ordem social e econômica, ao mesmo tempo em que apresentam, esperançosamente, reinvenções cotidianas dessa luta compromissada com as classes populares.

Construímos este Boletim durante o impacto da “crise” financeira que tomou as manchetes dos jornais no final de 2008, e apresentamos, a partir da perspectiva das lutas dos trabalhadores, uma breve análise conjuntural. Um contexto econômico presente em tantos outros países, como em nossa vizinha Argentina, de onde trazemos o relato de como os movimentos sociais resistem e reiventam a resistência na luta pela saúde. Ainda sobre movimentos sociais trazemos o diálogo entre Educação Popular e Saúde e a luta pela terra e uma reflexão: o que os movimentos sociais nos dizem e ensinam sobre construção e desconstrução das imagens de “povo”? Povo que é o foco das políticas públicas de controle social, do Programa de Saúde da Família, do combate à dengue, temas também aqui colocados em artigos que nos fazem pensar quais os desafios para, coerentemente, podermos efetivar a participação popular. Também de políticas públicas falamos ao abordar a Educação Popular nas residências, em cursos técnicos e na extensão universitária, e as possibilidades de uma formação de profissionais de saúde compromissada socialmente, dialógica com as culturas e necessidades populares. A página central traz a memória do IV Eneps - Encontro Nacional de Educação Popular e Saúde - ocorrido em julho de 2008, em Fortaleza, e que teve a presença de mais de 600 participantes de todo o país. Em vários quadros distribuídos pelo Boletim, mostramos os resultados das reuniões daqueles que estiveram à frente desse Encontro: a Aneps - Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde -, a Anepop - Articulação Nacional de Extensão Popular -, o GT EPS da Abrasco



e a Rede de Educação Popular e Saúde. Trazemos, por fim, algumas notícias sobre os projetos nos quais a Educação Popular vem atuando, e sobre alguns produtos tais como o “Caderno de Educação Popular e Saúde” e o número especial sobre Educação Popular e Saúde da Revista de Atenção Primária à Saúde. Além disso, apresentamos o nosso site e lista de discussão para aqueles que quiserem conhecer mais sobre a Educação Popular e Saúde.

Nas diversas experiências e práticas, vai se desenhando um caminho metodológico, um que-fazer educativo que tem a intencionalidade de dar voz à diversidade e à alteridade de pessoas e de projetos de cuidados à saúde. Como no Espaço Che Guevara, no Fórum Social Mundial de 2005, e nas diversas Tendas de Educação Popular e Saúde em congressos de saúde, além de outros espaços e rodas em serviços, universidades, movimentos. Mas tudo isso de um jeito poético e aconchegado, que desconstrói personalismos e qualquer forma de posse do saber, e que é o jeito que a Educação Popular e Saúde tem e quer ter, ampliando as rodas de conversa e de pessoas.

Movimentos sociais e participação popular
pág. 2, 3, 4 e 5

IV Eneps
pág. 6 e 7

Serviços e formação em saúde
pág. 8, 9 e 11

EPS na Argentina
pág. 12

A experiência dos movimentos nacionais populares de luta pela terra e a Educação Popular e Saúde

Vanderléia Daron - vanderleia.daron@gmail.com

O encontro entre os Movimentos Sociais Populares de luta camponesa com o campo da Educação Popular e Saúde ocorreu essencialmente no processo de construção da Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde – Aneps, a partir de 2003, por meio do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra - MST e do Movimento de Mulheres Camponesas - MMC.

Este encontro permitiu o reconhecimento e a identificação, com a EPS, dos movimentos sociais populares que lutam pela terra, por um projeto popular de agricultura camponesa com novas relações sociais de gênero, raça e classe permeadas pela solidariedade, justiça, equidade, reciprocidade e a construção de um outro modo dos seres humanos se relacionarem com a natureza, na perspectiva ecológica e de defesa das diversas formas de vida, tendo a saúde como uma das lutas.

Neste processo de reflexão e de encontro, produziu-se a construção de identidades entre movimentos e práticas que já incluíam, historicamente, a Educação Popular como elemento essencial do conjunto de suas lutas, ações e práticas formativas e de promoção da saúde.

Estes movimentos têm, na sua trajetória de luta camponesa, a dimensão da saúde como um dos direitos sociais fundamentais, e afirmam uma concepção e prática de saúde ampliada, cuja expressão se dá na relação entre o projeto de agricultura e de desenvolvimento para a nação e seu potencial de construir vida digna e saudável ao conjunto da população. Daí a necessidade de incidir sobre os determinantes e condicionantes sociais da saúde, sobre as políticas públicas de saúde com participação e controle social e na afirmação do potencial que existe nas práticas integrativas, tradicionais e populares de promoção e cuidado em saúde, com base na concepção de integralidade.

Nestas práticas, não é possível separar o trabalho de saúde da conscientização, na perspectiva da formação política e de militantes, da instituição de direitos, e do engajamento nas lutas gerais por mudanças estruturais da sociedade.



Assim, o MMC vem desenvolvendo experiências de educação popular em saúde na luta e nas ações em defesa da saúde coletiva e da efetiva implementação do SUS com participação popular e com políticas para as mulheres e a população do campo e da floresta; no processo de formação das mulheres por meio da Escola da Mulher, na construção de experiências cotidianas de saúde integral, defesa da vida e emancipação, por meio da utilização de plantas medicinais, da recuperação de sementes crioulas, da produção de alimentos na perspectiva da agroecologia, da alimentação saudável e do trabalho em saúde voltado à construção da integralidade do corpo e da vida das mulheres camponesas, fortalecendo a autonomia, o cuidado integral e a libertação/emancipação das mulheres.

O MST vem desenvolvendo experiências de educação popular em saúde nos acampamentos e assentamentos da Reforma Agrária, tanto na luta pela implementação do SUS como também em experiências formativas em cursos técnicos voltados à saúde coletiva; em experiências com o uso de plantas medicinais, de saúde ambiental, além de trabalho de pesquisas voltadas a esta realidade.

Enfim, a riqueza dessas experiências é muito maior que nossa capacidade de traduzi-las aqui. Vale mesmo é o desafio de conhecê-las e de refletir sobre a dimensão da Educação Popular e Saúde presente nos movimentos sociais do campo.

NÓS DA REDE

Boletim da Rede de Educação Popular e Saúde - Nº 8 • Janeiro/2009

Editoria

Maria Waldenez de Oliveira

Contato: dmwo@ufscar.br

Helena Maria Scherlowski Leal David

Contato: helena.david@uol.com.br

Diagramação

Lilian Vieira

Revisão de Textos

Patrícia Lopes de Oliveira

Impressão

Gráfica Nacional

São Carlos - SP

Apoio

Ministério da Saúde



Tiragem

5.000 exemplares



Revista APS

A Revista de Atenção Primária à Saúde é produzida pelo Nates (Núcleo de Assessoria, Treinamento e Estudos em Saúde), da Universidade Federal de Juiz de Fora. Desde 2005 a Revista mantém parceria com a Rede de Educação Popular em Saúde e a Sociedade Brasileira de Medicina de Família e Comunidade. Em outubro de 2008, a Revista lançou uma edição especial sobre Educação Popular em Saúde. Confira em: <http://www.aps.ufjf.br> - Vol. 11, nº. 3 (2008)

Sobre imagens do povo e movimentos sociais

Entrevista com Miguel G. Arroyo

Miguel G. Arroyo - g.arroyo@uol.com.br



1ª.) Ao longo de nossa história foram construídas ima-gens inferiorizadas do povo. Estamos em tempo de desconstrução ou de reafirmação dessas imagens?

Miguel Arroyo: De fato desde os tempos segregadores da colonização os coletivos populares: indígenas, negros, dos campos e florestas, das periferias urbanas, do povo enquanto coletivos, foram classificados e hierarquizados com tratos e imaginários negativos, inferiorizados. Como não sendo plenamente humanos mas primitivos, incultos, irracionais, incivilizados, pré-modernos e pré-políticos, porque inconscientes. Esses tratos e imagens estão arraigados na cultura política, pedagógica e profissional. Estas culturas não dão sinais convincentes de estar tentando rever e superar esses imaginários e tratos tão negativos. Quanto mais os setores populares são submetidos a condições precarizadas de sobrevivência mais são culpados dessa condição porque indolentes, desqualificados, violentos, imprevidentes, irracionais. Estamos em tempos de reafirmação dos imaginários negativos que pesam sobre o povo.

2ª.) Podemos encontrar sinais de desconstrução desses imaginários tão negativos? De onde vem?

Miguel Arroyo: Os setores populares nunca se conformaram com essas visões e tratos das elites e da cultura política. Reagiram, mas foram silenciados. Em suas resistências à opressão conformaram imagens positivas de si mesmos, identidades, culturas, memórias positivas. Os coletivos negros, indígenas, camponeses, periféricos, pobres não se vêem no espelho tão desfigurado e negativo construído pelas elites políticas, econômicas, pedagógicas e profissionais. Desde crianças, são educados para ter orgulho de sua cor e de sua dignidade, de sua religião, cultura, história, memória e identidade coletiva. Sabemos pouco desses processos conformadores das auto-imagens populares positivas. Há processos de educação popular que vêm de dentro. Toda proposta de educação popular de fora que os ignore estará fora de foco.

3ª.) Como avaliar o Movimento de Educação Popular nessa construção-desconstrução de imagens e tratos dos setores populares?

Miguel Arroyo: O Movimento de Educação Popular, Cultura, Saúde Popular desde suas origens se contrapõe aos tratos e às imagens negativas do povo. Se contrapõe à cultura política que os legitima e perpetua. Parte do reconhecimento de que o povo, na diversidade de seus coletivos, tem saberes, culturas, valores, racionalidades, concepções de mundo, de si mesmos e dos outros. Nesse reconhecimento positivo do povo, instaura um embate político cultural e pedagógico extremamente importante, porém inacabado e incompleto. Os programas de educação popular e seus educadores(as) e agências eram de fora, tendo como pedagogia que o povo se reconhecesse. Que adquirisse consciência política. Um diálogo pedagógico entre sujeitos conscientes, politizados e o povo inconsciente, alunado, despolitizado. Sabemos das tensões por superar esses imaginários ainda inferiorizados do povo.

4ª.) Estamos em outros tempos? Outros avanços?

Miguel Arroyo: Sem dúvida, outros tempos que exigem ir além. As condições de vida dos coletivos populares se precarizaram ao extremo: fome, desemprego, sobrevivência no limite, expulsão da terra, do espaço urbano, dos territórios e florestas, destruição de sua memória, cultura, linguagens, valores. Sem direito à vida e à dignidade humana. As vivências desses processos brutais os tornaram os educadores **de dentro**. Com mais força e radicalidade pedagógica do que os programas **de fora**. As resistências organizadas desses coletivos em movimentos radicalizaram esses processos pedagógicos. Os movimentos sociais são os pedagogos dos coletivos populares. Ocupam o cenário social e político, cultural e pedagógico. Fazem avançar no povo a consciência política de serem sujeitos de direitos, de políticas, de projetos de outra sociedade. Ao se fazerem presentes na cena política, com identidades tão positivas, se confrontam com as velhas imagens negativas construídas sobre eles ao longo de nossa história.

Educação Popular em Saúde e controle da dengue: diálogos sobre experiências

Jose Carlos Silva - carlossilvan@ibest.com.br

Simone Maria Leite Batista - simonemariab@yahoo.com.br

A dengue é um fenômeno de adoecimento de ordem mundial, e no Brasil encontra condições climáticas favoráveis para a sua proliferação. Tanto pelo aspecto climático quanto pela situação de saneamento básico nas cidades. No início do ano de 2008, o Brasil é tomado novamente pela preocupação de sanitaristas, gestores e população pelo avanço de novos casos de dengue. Cidades como Rio de Janeiro, Recife e Aracaju são citadas como as cidades que mais preocupam as autoridades sanitárias do País.

Este texto tem a intenção de socializar as contribuições da Educação Popular enquanto ideia de participação popular para o controle da dengue a partir de duas experiências desenvolvidas por militantes da Rede de Educação Popular e da Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular em Saúde – Aneps, de Recife e Aracaju.

Atividades ditas de mobilização são anunciadas pelas Secretarias de Saúde de Estados e das Capitais. Se de um lado concordávamos com as ações necessárias para o controle da dengue tomadas pelas autoridades, por outro lado, não concordávamos com as ideias e métodos, porque percebíamos que a maioria das atividades tinha um caráter punitivo e militar, que nos lembrava episódios já vividos no Brasil.

Em Recife, a Secretaria Municipal de Saúde apelou para o exército, que foi convocado a participar do que chamavam de mobilização social. Nesse mesmo período, militantes da



Aneps organizaram uma ação orientada pela Educação Popular em Saúde para contribuir de uma outra maneira com o controle da doença com participação popular. A experiência foi desenvolvida junto a agentes comunitários de saúde, dirigentes do movimento estudantil da Faculdade de Enfermagem (FENSG) – UPE, profissionais de saúde e conselheiros de saúde.

Em Aracaju, a experiência desenvolvida também teve características bem parecidas. Foi um grupo de militantes do Movimento Popular de Saúde e da Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular em Saúde – Aneps – em Sergipe, que inicia o processo de mobilização e de participação popular para o Controle da Dengue.

Foram envolvidos técnicos das Secretarias Estadual e Municipal de Saúde, militantes dos movimentos populares de saúde (rezadeiras, raizeiros, etc), profissionais de saúde e pessoas da Universidade, na realização de um seminário para multiplicadores de combate a dengue, onde participaram mais de 35 entidades e instituições. No evento criou-se o Comitê Popular de Combate a Dengue que realiza atividades construídas coletivamente. Também foram realizadas caminhadas e a utilização de teatro de rua. Em Recife, os educadores organizaram a Rede Solidária de Apoio ao Controle da Dengue, que atua em três distritos sanitários do Recife e realiza oficinas educativas e de organização de grupos colaborativos.

Percebe-se nas duas experiências a construção de uma percepção libertária sobre o controle da epidemia, o envolvimento das pessoas com os princípios da educação popular em saúde para um jeito diferente de pensar estratégias de participação popular. Compreendemos que estamos tratando de experiências incipientes e, por isso, devemos avançar em três dimensões, a saber: dar visibilidade às experiências, ampliar a articulação com outros municípios e movimentos sociais e ampliar o número de participantes nas atividades.

SEMINÁRIO NACIONAL DA ANEPS (Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde)

Realizado no IV Eneps. Estiveram presentes os Estados: Rio de Janeiro, Sergipe, São Paulo, Rio Grande do Norte, Bahia, Tocantins, Ceará, Goiás, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e o Distrito Federal. No Seminário pudemos fazer avaliação da conjuntura e elaborarmos propostas de: organizar espaço de Educação Popular no Fórum Social Mundial; discutir nos Estados o projeto Vidas Paralelas; mobilizar os Estados que estão desarticulados; organizar uma oficina nacional para detalhar planejamento da Aneps para 2009; organizar o III Encontro Nacional da Aneps para 2009. Todos os Estados farão sua proposta de ação para o ano de 2009 e enviarão para o responsável do eixo de organização para consolidação. Avaliou-se que foi um evento importante e valioso, pois saíram propostas de organização, e com um plano de ações definidas.

A Educação Popular nas políticas de saúde – dispositivos de fortalecimento

Coordenação Geral de Apoio à Educação Popular e Mobilização Social/Dagep/SGEP¹ - jose.pedrosa@saude.gov.br

A Educação Popular conquistou espaço na estrutura do Ministério da Saúde (MS), em 2003, enquanto área técnica, na Coord. Geral de Ações Populares e Educação na Saúde, do Departamento de Gestão da Educação na Saúde (Deges), na Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação em Saúde (SGTES), estreitando a relação entre movimentos populares e gestão, sob o marco político da Educação Permanente em Saúde.

Como matriz política-pedagógica para gestão das propostas de mudança na Educação e no Trabalho em Saúde, destacam-se alguns processos: orientação metodológica, ampliação da participação de lideranças de movimentos sociais no processo de capacitação de conselheiros, identificação de educadores populares na reformulação do Programa de Fortalecimento do Controle Social no SUS e identificação/mobilização de movimentos e práticas de Educação Popular e Saúde (EPS), em parceria com a Rede de Educação Popular.

Em 2005, a EPS transfere-se para a Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, na Coordenação Geral de Apoio à Educação Popular e Mobilização Social, cuja missão é “promover e apoiar iniciativas de movimentos, entidades e instituições para o desenvolvimento da Educação Popular e Saúde; identificar e divulgar novos canais de participação popular e controle social; apoiar ações para a educação em saúde e cidadania nas escolas de nível fundamental; planejar e coordenar ações de apoio aos trabalhadores de saúde no desenvolvimento de práticas de educação em saúde e cidadania”.

Ocupando estes espaços no âmbito do MS, a Educação Popular e Saúde vem se articulando a outras áreas técnicas: Política Nacional de Humanização, Saúde do Trabalhador,



Atenção Básica, Vigilância em Saúde, entre outros. A EPS, com essa visibilidade, passa a ser considerada viabilidade técnica e política para o SUS.

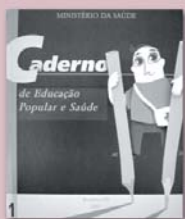
A institucionalização da EPS no MS resulta de um processo histórico demarcado pela presença dos movimentos populares como protagonistas nos processos de mudança na saúde e pela ampliação dos espaços públicos de diálogo entre Governo e Sociedade Civil. A EPS, nos espaços e nas práticas institucionais, significa a presença da população na política, nos serviços, na formação, nas práticas e no controle social na saúde.

Na atual condução política do MS, três dispositivos são fundamentais para aprofundar e radicalizar os princípios básicos do SUS: a) Pacto pela Saúde: em que cada gestor assume, publica e legalmente, o compromisso de apoiar processos de educação popular na saúde, para ampliar e qualificar a participação social no SUS; b) Programa Mais Saúde - Direito de Todos: que assegura a formação de lideranças populares e atores sociais para atuarem no enfrentamento das iniquidades em saúde, na participação popular na gestão e no controle social na saúde; c) Política Nacional de Gestão Estratégica e Participativa no SUS (Participasus) – que considera a participação ativa da sociedade na formulação, implantação e avaliação da política, pressupondo ampliação de espaços públicos e coletivos para o diálogo e a pactuação das diferenças. E é operacionalizada a partir do apoio técnico e do repasse fundo a fundo aos Estados e municípios, possibilitando, nessas esferas, o apoio aos movimentos sociais que atuam no campo da saúde e aos processos de EPS, para ampliar e qualificar a participação social no SUS.

Assim, a Educação Popular e Saúde representa importante estratégia para a ampliação do controle social e da participação social em saúde, resgatando os ideários da Reforma Sanitária Brasileira que, como diz Paulo Freire, ainda se mostra como o inédito viável para o campo da Saúde Coletiva e para o fortalecimento do SUS democrático.

¹ A Coordenação Geral de Apoio à Educação Popular e Mobilização Social/Dagep/SGEP do Ministério da Saúde é composta por: José Ivo Pedrosa, Esdras Pereira, Maria da Paz Cintra, Osvaldo Bonetti, Maria da Glória Campos, Abigail Reis, Gisella Garritano, Marden Filho, Luciana Boeira, Nara Fagundes.

Caderno de Educação Popular e Saúde



Publicado pela Coordenação de Apoio à Educação Popular e Mobilização Social/MS, apresenta na diversidade de seus temas, desde a historicidade da EP&S no Brasil a sua relação com as demais concepções da educação em saúde.

Enquanto instrumento pedagógico, busca ser um dispositivo para a criação e fortalecimento de processos educativos pautados no diálogo, na emancipação e na Gestão Participativa do SUS. De forma crítica, leve e instigante, traz histórias e relatos que retratam novas maneiras de pensar e agir em saúde.

Além da distribuição impressa, estão disponíveis online no site da SGEP no Portal do MS: http://portal.saude.gov.br/portal/saude/area.cfm?id_area=384

Encontro Nacional de Educação



De 31 de julho a 03 de agosto de 2008 realizou-se, em Fortaleza, o IV Encontro Nacional de Educação Popular e Saúde – Eneps –, concomitantemente ao I Seminário da Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde e I Encontro de Extensão Popular e Saúde.

Espaço de diversidade, criatividade, encontro e articulação política de diversas lutas pela saúde, o IV Eneps foi organizado por meio da parceria entre a Rede de Educação Popular e Saúde, a Articulação Nacional de Extensão Popular – Aneps –, a Articulação Nacional de Extensão Popular – Anepop – e o GT Educação Popular e Saúde da Abrasco. Contou com o apoio da Universidade Estadual do Ceará, Universidade Federal do Ceará, Prefeitura de Fortaleza, Ministério da Saúde, Governo do Estado do Ceará e do Banco do Nordeste.

Durante os quatro dias do evento, reuniões, vivências, oficinas e rodas de diálogo preencheram os diversos espaços do Sesc Iparana, integrando 600 participantes. Profissionais de saúde, educadores populares, docentes e pesquisadores, membros de movimentos de educação popular e de luta pela saúde, estudantes e gestores mostraram que as ideias e práticas que buscam construir um projeto democrático de saúde se sustentam na pluralidade e na escuta mútua.

As Rodas de Diálogo se constituíram a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da educação popular, como forma de romper com saberes instituídos e hierarquizados, dando voz às diversas formas de pensar e fazer saúde, sistematizadas a partir de pesquisas e experiências coletivas, tecidas no cotidiano dos serviços e das comunidades. Nestes espaços, as tradicionais mesas-redondas de congressos científicos foram substituídas por círculos de debate e produção coletiva.

Os eixos que agregaram os trabalhos e experiências deram visibilidade aos temas: gestão participativa, participação popular e controle social; práticas dialógicas e integrativas na sua relação com os movimentos populares; formação e extensão universitária na perspectiva da EPS; arte, dialogicidade e interculturalidade; temas de pesquisa e produção de conhecimento.

Outros atores institucionais importantes nas lutas pela saúde fizeram-se presentes, tais como o Cebes – Centro Brasileiro de Estudos de Saúde –, e o Projeto Vidas Paralelas, Coordenação de Saúde do Trabalhador do Ministério da Saúde. A expressão dessa diversidade, por meio da arte e da comunicação, enriqueceu o Eneps, com suas cirandas, música, poesia e danças rituais, programas de rádio.

Os Encontros Nacionais de Educação Popular vão, assim, a cada edição, ampliando sua capacidade de integrar e articular formas e práticas diversas, cuidando para que a inclusão e a reflexão crítica caminhem juntas, apoiadas pelas redes que vão se constituindo e fortalecendo no país. Para o próximo Eneps, alguns Estados já começam a se apresentar como possíveis anfitriões, na ideia de manter o caráter itinerante e dinâmico do evento.

Reunião da Rede de Educação Popular e Saúde

A rede debateu, entre outros pontos, a Educação e Saúde nas políticas do Ministério da Saúde, concluindo que se faz necessária uma ação junto ao Governo Federal reafirmando a necessidade do fortalecimento da Educação Popular, conforme já indicado no Plano Plurianual e no Plano Nacional de Saúde. Também discutiu a necessária ampliação de articulações com outras redes, como a Rede de Educação Cidadã. A história da Rede foi relembrada, desde o início dos anos 90, e ressaltou-se que, desde uma marginalidade da EPS, hoje se alcança inserção na academia, nos serviços e espaços institucionais.

Popular e Saúde – Ceará 2008

Reinventando a roda da Saúde

Sérgio Ramos - sergiolgr@gmail.com

“E foi tanta a imensidão do mar, e tanto fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: *Me ajuda a olhar!*”
(Eduardo Galeano)

O que é a educação popular? Uma pedagogia? Uma teoria do conhecimento? Um projeto político-pedagógico? Uma visão de mundo? Qual será a saúde deste nome? Poderá caber inteiro numa definição?

As palavras são sedutoras de sentidos, descaminhos do aprender. Para que elas não virem termos, já que nada terminam, é preciso estender o discurso além do ponto... até as pontes. Pontes que ligam, que ligam e agem... que estendem um ser a outro, numa espécie de ética das linguagens, e ensinam a olhar. Como na imagem de Galeano, saber e sentir parecem tarefas existenciais impossíveis de se realizar senão pelo outro... como pontes de si.

”...como é que faz pra sair da ilha? Pela ponte, pela ponte.”
(Lenine / Lula Queiroga)

O legado cearense para a rede não foi outro senão achar-se em processo, descobrir-se inacabada, fazer-se ponte. Ponte entre o popular e o científico, entre a poesia e a explicação, entre redes, entre o saber e o ser e entre o ser e o vir-a-ser. Os acontecimentos tiveram a marca do riso acolhedor, do prazer do vínculo, da maturidade das tensões... Rede que se preza trança pontos a partir do arranjo harmônico das tensões... e assim foi.

Marco Polo descreve uma ponte, pedra por pedra. “Mas qual é a pedra que sustenta a ponte?”, pergunta Kublai Khan. “A ponte não é sustentada por esta ou aquela pedra...”, responde Marco, “mas pela curva do arco que estas formam”. Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo. Depois acrescenta: “Por que falar das pedras? Só o arco me interessa.” Polo responde: “Sem pedras o arco não existe.”
(Ítalo Calvino)

A transcendência do projeto humano, sua infinitude, está na superação das ilhas de ser, na possibilidade das pedras encontrarem-se em arcos... São infinitos os caminhos para essa grande saúde humana. A Educação Popular é um deles, uma utopia da humanização. Seu arco é acirandado. Nele encontram-se profissionais de saúde, representações de movimentos sociais, organizações não-governamentais, academia, instâncias de governo, artistas populares, religiosos, estudantes. Roda de saúde, para a saúde e com saúde.

“As coisas estão no mundo, só que eu preciso aprender.”
(Paulinho da Viola)



Quem compartilhou dessa vitalidade cearense, teve a clareza de que a Educação Popular em Saúde está acontecendo. A Rede vem desenhando um importante papel agenciador de diálogos, não só entre seus diversos atores, mas, mais profundamente, entre diversas temporalidades, forças e saberes. Reinvenção da roda, pela roda...

“Em situação de poço, a água equivale a uma palavra em situação dicionária: isolada, estanque no poço dela mesma, e porque assim estanque, estancada; e mais: porque assim estancada, muda, e muda porque com nenhuma comunica, porque cortou-se a sintaxe desse rio, o fio de água por que ele discorria ...”
(João Cabral de Melo Neto)

Há aí a semente de construção de uma nova práxis para a Saúde. Isto, porque, na medida em que engendra práticas educativas inseridas em cenários múltiplos de linguagens, a EPS fortalece a integralidade, não como princípio, mas como meio para o SUS. Saúde não é palavra dicionária, *estanque no poço dela mesma*. Mais do que isso, é por si só integral... oriunda de sentidos mais elementares, vivos. Religá-los possibilita a construção da integralidade como *maneira* essencial da Saúde.

“Essa ciranda não é minha só ...
ela é de todos nós, ela é de todos nós ...”
(folclore nordestino)

Talvez tenha sido essa a maior grandeza do IV Eneps: tornar meio o que, por definição, é princípio; mostrar que o movimento da saúde é vivo como um rio que, por rebeldia natural, não obedece a placas de orientação, mas vai construindo seu curso num líquido acordo com a vida. Sua integralidade não se sabe com ideia, mas com mergulho.

**Viva a saúde da Educação Popular!!!
Viva o Ceará!!!**

Educação Popular e Saúde em Rio Negro

Ernande Valentin do Prado - emboraeuqueira@uol.com.br

Antes de falar em Educação Popular no serviço, é importante conceituar como entendemos a EPS em Rio Negro (Mato Grosso do Sul), onde atuo como enfermeiro no PSF. No boletim nº7 de 2004, Eymard fala que Edupopsaúde é um modo, uma forma, uma perspectiva de condução do trabalho tendo em vista a formação conjunta de trabalhadores e usuários mais sabidos e mais fortes para lutar por cidadania e felicidade. É assim que entendemos EPS. Tudo que fazemos parte desta compreensão. Não separamos momentos para realizar procedimentos ou atendimento individualizado e outros de atividades educativas. “É tudo ao mesmo tempo agora” e sempre.

Um exemplo: nossas ações, em torno do programa hiperdia, normatizado pelo Ministério da Saúde, não têm como objetivo primeiro fazer os portadores de hipertensão e diabetes

Reunião do GT de Educação Popular e Saúde da Abrasco

Durante o Eneps, o GT de Educação Popular e Saúde da Abrasco realizou uma reunião para discussão do plano de trabalho e as perspectivas de atuação para 2008 e 2009. Sinalizou-se a importância de estreitar a comunicação com os demais GTs da Abrasco, de avançar num projeto coletivo de sistematização das experiências, pesquisas e práticas de Educação Popular e Saúde e de integrar e apoiar o Projeto Vidas Paralelas, articulação do Ministério da Saúde, via Coordenação de Saúde do Trabalhador e o Ministério da Cultura. O grupo considera que o apoio e a participação no Eneps, como um dos coletivos organizadores, foi um dos pontos importantes das atividades de 2008.”

Projeto Vidas Paralelas: Saúde do Trabalhador, Cultura e Educação Popular para o fortalecimento de uma rede de trabalhadores

A Rede Escola Continental de Saúde do Trabalhador (RECS-T), estruturada a partir da 3ª Conferência Nacional de Saúde do Trabalhador, em parceria com a Secretaria de Diversidade e Identidade Cultural do Ministério da Cultura, e o Departamento de Saúde Ambiental e de Saúde do Trabalhador do Ministério da Saúde, vem propondo o desenvolvimento de um projeto intersectorial voltado para o fortalecimento da consciência crítica dos trabalhadores sobre as complexas relações entre o mundo do trabalho, saúde e cultura. A Educação Popular e Saúde, por meio dos coletivos do GT de Educação Popular e Saúde da Abrasco e da Aneps, participará apoiando a descentralização para os Estados, que começará por Sergipe, Rio Grande do Norte, Pará e Paraíba, com 24 trabalhadores em cada Estado. Trata-se de defender a ideia de que os saberes sobre saúde e trabalho não são hierarquizados, e se produzem nos diversos espaços, construindo as respostas possíveis para as situações-limite que se apresentam ao trabalhador brasileiro, em parceria e diálogo.



mudar seus hábitos, mas sim que tenham consciência da importância das mudanças e que, por si mesmos, decidam se vão ou não deixar de comer alimentos salgados ou se vão realizar exercícios físicos. A questão, quando se pensa em promoção de saúde e educação popular, não é se as pessoas vão lavar as mãos antes de comer, mas se elas têm água para lavar, se têm condições de lutar para ter água para lavar as mãos se assim quiserem.

Trabalhar a noção de autonomia dos usuários não foi e nem é coisa simples e acabada. Entender que uma pessoa pode ou não tomar uma medicação exige, da parte dos profissionais, que reconheçam o saber e a autodeterminação do outro e os respeite.

Todos os momentos de trabalho são aproveitados de forma pedagógica. Estamos o tempo todo aprendendo. No cotidiano não diferenciamos quem aprende e quem ensina. Todos participam: usuários e servidores.

Uma vez por semana avaliamos e planejamos as novas ações. Essa estratégia funciona porque ninguém diz que não pode ser feito. Temos certa autonomia em relação à Secretaria de Saúde. Algumas dimensões, que dependem de apoio institucional ou material e financeiro, nos causam dificuldades, mas não ficamos esperando as condições ideais. Buscamos apoio na comunidade para fugir das dificuldades. Temos claro que nosso trabalho é realizado para população usuária do SUS.

MEMÓRIAS NA REDE: II ENCONTRO

Fotos: Caco Xavier - Acervo Radis/Ensp-Fiocruz



Apresentando a Extensão Popular: estudantes, professores e comunidades recriando a Universidade

Dailton Lacerda - dailtonlacerda@yahoo.com.br

Pedro José Cruz - pedrojosecruzpb@yahoo.com.br

Na atualidade, vem crescendo a participação de estudantes, professores e lideranças comunitárias em experiências de extensão universitária orientadas pela educação popular, as chamadas práticas de *extensão popular*. Por meio delas, são desenvolvidas ações para uma nova perspectiva de universidade, comprometida com as transformações sociais. Participativa, essa extensão prima pelo diálogo entre sujeitos; está baseada nos saberes populares; orientada por anseios emancipatórios de liberdade, justiça, igualdade e felicidade. É desenvolvida com a vivência contínua dos extensionistas com a comunidade, em suas ruas, associações, casas e famílias. Realiza-se através de estratégias como rodas de conversa, ações educativas, grupos focais, visitas domiciliares, participação em reuniões, ações de mobilização, entre outras.

Nos últimos anos, a *extensão popular* começou a ser mais intensamente vivenciada no setor Saúde. Nas práticas de extensão popular em saúde, através do diálogo com os sujeitos das comunidades e o engajamento nas suas lutas cotidianas, diversos estudantes vêm percebendo os limites e inconsistências da relação autoritária com a população, bem como os limites do próprio saber científico-acadêmico. No lidar com os problemas em suas raízes, as palavras dos livros tomam corpo, calor, cor e cheiro de gente. Ganham significado. O



aprendizado e a atuação acadêmica empenham-se na promoção da vida. Inspirados pelos movimentos de educação popular e saúde, estes sujeitos têm criado redes articuladoras, fortalecendo um movimento nacional de extensionistas populares.

Assim, se constituiu a Articulação Nacional de Extensão Popular (Anepop), que aglutina os diversos participantes da extensão popular, reunidos com o objetivo de aprender em conjunto, fortalecendo suas práticas e reivindicando espaços políticos e apoio para essas ações. Acreditamos que optar pela *extensão popular* significa admitir a necessidade de se constituir uma nova prática social de Universidade, que priorize trabalhar a partir das demandas, interesses e saberes das classes populares. Na contramão da maioria das práticas de extensão universitária, a *extensão popular* propõe caminhar por um jeito diferente de conduzir o processo formativo, onde a percepção crítica, o protagonismo estudantil e a horizontalização das relações são eixos orientadores. Nesse sentido, a extensão pode passar a ser um espaço privilegiado de articulação entre o ensino e a pesquisa, com a intencionalidade de contribuir para a promoção da vida humana.

Anepop - Articulação Nacional de Extensão Popular - no IV Eneps

Estudantes, professores e lideranças comunitárias ligados à extensão popular encontraram-se durante a oficina da Anepop, fortalecendo os laços dessa rede, compartilhando experiências e desafios nas vivências de extensão universitária popular por todo o Brasil. Encaminharam a organização de novos encontros presenciais de atores ligados à Anepop pelo País, a ser construídos nos diversos congressos e eventos das áreas de saúde e educação, culminando com uma participação ativa no 4º Congresso Brasileiro de Extensão (CBEU), em Abril, na cidade de Dourados-MS.

Conhecendo melhor a Extensão Popular

Para entrar na lista de discussão da Anepop, envie e-mail em branco para o endereço:

extensaopopular-subscribe@yahoogrupos.com.br

Visite o Blog da Anepop:

www.extensaopopular.blogspot.com

RO NACIONAL DE EDUCAÇÃO POPULAR E SAÚDE - BRASÍLIA 2001



Legendas

1 - Victor Valla, Eymard Vasconcelos e Miguel Arroyo acompanhando a apresentação da arte popular.

2 e 3 - Giranda de acolhimento na abertura.

4 - Miguel Arroyo profere a conferência de abertura, coordenada por Eymard Vasconcelos.

O capitalismo ainda é aquele, mas para onde vai?

Eduardo Stotz - stotz@ensp.fiocruz.br

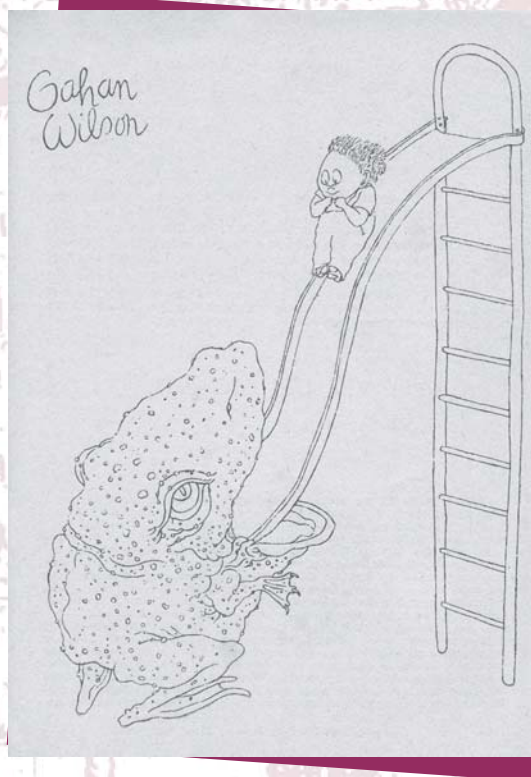
Escrevo esta pequena contribuição para o Boletim *Nós da Rede* de meu escritório na cidade do Rio de Janeiro que, apesar de conhecida mundialmente, situa-se na periferia do sistema capitalista. É difícil perceber com clareza, vista, sobretudo, daqui, em meados de 2008, os contornos desta que parece ser a maior crise desde a severa recessão dos anos 1973-74 e cujos sinais aparecem agora invertidos.

A crise do capitalismo, cujo epicentro está na economia dos Estados Unidos da América, tem sido apresentada como uma crise financeira, decorrente do colapso da confiança dos bancos e demais instituições financeiras em quitar empréstimos e solver dívidas gigantescas.

A raiz desta incapacidade se encontra no chamado “mercado dos derivativos”, onde se compra e vende contratos que tem por valor o preço de outros ativos (mercadorias ou ativos financeiros). Para se ter uma idéia mais precisa da magnitude dos valores envolvidos, deve-se pensar em escalas estratosféricas: de acordo com Peter Goodmann, este mercado “gira hoje US\$ 531 trilhões de dólares.” (O Globo, 10/10/2008: “Revendendo o legado de Alan Greenspan”, p. 29). Numa semana, as bolsas de valores de todo o mundo perderam US\$ 6,2 trilhões! (Folha de São Paulo, 11/10/2008)

Mas o movimento aparentemente irracional deste capital baseia-se, em última análise, em mercadorias e serviços produzidos anualmente por trabalhadores em todo o mundo. O valor do PIB mundial em 2007 foi de 54,31 trilhões de dólares, assim distribuídos: EUA (13,81), Zona do euro (12,16), Japão (4,38), China (3,25), Brasil (1,31), Rússia (1,29) e Índia (1,10). (FSP, 05/10/2008: “O tamanho do mundo”, B6)

O pressuposto de todos os especuladores e dos governos é a sustentação dos lucros do capital financeiro no crescimento do PIB mundial, sobretudo da economia americana. Segundo Fernando Canzian, dois terços do PIB dos EUA são gerados pelo consumo que, por sua vez, é movido a crédito. O problema é que as famílias das classes médias americanas se endividaram acima de seu patrimônio,



representado pela hipoteca das casas próprias. Os débitos equivalem a 140% do PIB ou algo em torno de 19,6 trilhões de dólares. Praticamente toda a classe média americana usa a hipoteca como garantia para financiar a compra de bens de consumo, serviços ou novos imóveis. Simplesmente para uma parte destas famílias – mais de 10 milhões – as dívidas superaram o valor de suas casas (Folha Online, 11/10/2008)

A palavra-chave de todos os agentes do capital financeiro é desconfiança, a única capaz de explicar o ‘cavalo-de-pau’ sofrido pela economia capitalista. Até mesmo o pânico que paralisou o sistema interbancário no mundo tem raiz na desconfiança. Contudo, a desconfiança no capitalismo é sistêmica, faz parte da lógica de funcionamento do sistema baseado na propriedade privada que requer o “sigilo dos negócios”. Daí que a única forma de retomar a confiança é por meio da intervenção do Estado.

O capitalismo ainda é aquele analisado por Marx e Engels no Manifesto do Partido Comunista de 1848, caracterizado pela tendência a se expandir além da capacidade de consumo da sociedade. A crise é uma consequência inevitável desta tendência. E, com ela, vem abaixo também a fantasia de que o mercado possa se auto-regular. Então melhor entregar os anéis do que os dedos – pensam os capitalistas: afinal, uma recessão econômica, com a destruição de capitais, de postos de trabalho e a diminuição de renda, é melhor do que uma outra depressão mundial capaz de conduzir os estados-nações ao protecionismo e, portanto, à limitação do movimento dos capitais financeiros pelo mundo em busca de superlucros.

De qualquer modo, o pêndulo da regulação se deslocou novamente das “mãos invisíveis” do mercado para as visíveis mãos do Estado. Se os trabalhadores puderem e souberem aproveitar o enfraquecimento do neoliberalismo para impor, pela intervenção dos estados democráticos, formas de controle sobre o capital, então, como diz a música, nada do que foi será do que jeito que já foi um dia.

Conversando sobre a Educação Popular na formação em saúde

Renata Pekelman - renatapek@gmail.com Vera Joana Bornstein - vejoana@gmail.com

Pergunta: De que maneira a EPS tem estado presente na formação dos profissionais de saúde?

Renata - Temos discutido os princípios pedagógicos da EPS no Currículo Integrado, que é uma atividade teórica de campo em APS, multiprofissional, juntando a Residência em Medicina de Família e Comunidade (MFC) e a Residência Integrada em Saúde com ênfase em Saúde da Família e Comunidade (RIS), ambas do Grupo Hospitalar Conceição - Rio Grande do Sul. Alguns deles são:

- O diálogo radical
- Partir da curiosidade ingênua para a curiosidade epistemológica
- Ser essencialmente participativa
- Favorecer a construção compartilhada do conhecimento
- Explorar a percepção complexa do processo saúde-doença
- Valorizar o cotidiano e refletir sobre as vivências

Também as práticas no cotidiano do serviço, nas visitas domiciliares, nos grupos, nos conselhos de saúde são espaços para a reflexão/ação.

Vera - O Referencial Curricular do Curso Técnico de Agente Comunitário de Saúde, elaborado pelos Ministérios da Educação e da Saúde, aponta no objetivo do curso os processos educativos em saúde como meio de desenvolver ações de promoção da saúde e prevenção de doenças. A educação popular é mencionada como um conhecimento a ser desenvolvido e é citada como uma das competências do ACS.

Na Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Fiocruz - Rio de Janeiro, a educação em saúde é um eixo que perpassa todo o Curso Técnico do ACS em suas três etapas, a metodologia de educação popular faz parte desta discussão. Como trabalho de conclusão de curso está previsto um projeto de educação em saúde construído pelos alunos ao longo do curso.

Pergunta: Como tem sido possível desenvolver as práticas pedagógicas propostas pela EPS no cotidiano dos profissionais de saúde?

Renata - Os desafios são grandes quando estamos na pós-graduação, especialmente no contexto do serviço de atenção primária em saúde (APS) e formação multiprofissional. A APS é um campo onde a complexidade da vida se manifesta em problemas de saúde, onde o trabalho em equipe é essencial, pois somente na construção do diálogo entre os muitos saberes é que iremos a caminho da compreensão e da construção coletiva da análise e intervenção na saúde da população. Estamos em constante processo de produzir uma análise crítica da realidade e, nesta perspectiva, envolver os estudantes e profissionais a formular o seu próprio olhar.

Vera - Concordo com Renata em relação às potencialidades do campo da APS para o entendimento do contexto que determina ou condiciona a situação de saúde da população. Ao estar próximo ou inserido na comunidade, o profissional pode ter contato direto com as várias dimensões da vida da população. No entanto, é necessário que esteja aberto a este conhecimento, e incorpore em suas práticas parâmetros de análise advindos deste conhecimento. Apesar da pressão sobre o profissional no que se refere à produtividade e do apelo para que se enquadre nas questões burocráticas, existem experiências que tomam como base a metodologia de EPS e precisamos estar sempre fortalecendo os fóruns para suas discussões.

Pergunta - Qual a contribuição da EPS na formação dos profissionais de saúde?

Renata - Contribui com a visão de sujeito, que tem na alteridade a partida para a realização do diálogo. Acho que essa é uma das essências, assim como a descoberta do diálogo. A EPS tem contribuições valiosas com a saúde porque o estabelecimento do diálogo é fundamental para a compreensão, e a arte de cuidar requer compreensão e participação.

Vera - Ao trabalhar com os princípios da educação popular, o profissional valoriza a experiência de trabalho e de vida da população, e abre a possibilidade de entendimento de sua situação de saúde. Por outro lado, o exercício da problematização, que é um dos princípios básicos da EPS, é fundamental na busca de novos caminhos no campo da saúde e na construção de autonomia da população e dos próprios profissionais.

Renata - A aproximação de profissionais e residentes com os usuários, por meio do diálogo, possibilita compreender o sofrimento das pessoas que buscam os serviços de saúde, construir um olhar mais crítico, visualizar o contexto familiar, social, cultural, e compartilhar o cuidado.



A EPS no contexto argentino

Angélica Cores - angelicacores@speedy.com.ar

En Argentina, Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888) y la ley 1420 de EDUCACION PUBLICA OBLIGATORIA Y GRATUITA son el paradigma educativo. Los malos gobiernos del siglo XX, al no darle presupuesto suficiente a la educación, destruyeron sus objetivos. En los 60's PAULO FREIRE marca el nuevo camino. En Argentina Educación Popular es sinónimo del Maestro brasileiro. Las Pastorales católicas fueron las pioneras. Su cercanía con el pueblo sencillo, aplica la pedagogía *acción-reflexión-acción* y desde 1970, se multiplicaron los grupos en el interior del país, especialmente en el NOROESTE.

Después de la última dictadura militar que silenció la voz de los militantes de la vida y quemó sus libros, se abre una etapa muy productiva. En el 2001 se produce un estallido social y las asambleas populares, movimientos sociales, crean círculos de cultura populares bajo esta pedagogía y en sintonía con la Economía Social. Usan modos freireanos para conectar saber e ignorancia. Hay centros de alfabetización en cada barrio, programas de capacitación laboral en fábricas recuperadas por los obreros y Municipalidades.

El concepto de DESARROLLO LOCAL, modelo que adopta la descentralización económica que resiste a la globalización apátrida, no es desconocido para los seguidores de la APS. Desde ALMA ATA miles de trabajadores del



sector salud persisten intentando los SISTEMAS LOCALES DE SALUD (O.P.S.) Para ellos el desarrollo integral de la salud no se negocia con el mercado de la muerte (Laboratorios Medicinales y Clínicas privadas).

El gobierno de Kirchner (2003) origina un grupo de alcance nacional: BARRIOS DE PIE. Una organización política de base que adhiere al Congreso Bolivariano de los pueblos, usando el modelo de alfabetización YO SÍ PUEDO de Cuba (premio UNESCO) y creando un Área de salud popular. Logran aprender de la experiencia, transformándola en saberes compartidos diversas OSCs (Organizaciones sociales civiles) fragmentadas por la incertidumbre de la estabilidad democrática actuando a lo largo y ancho del país de manera cotidiana. Hay indicadores muy interesantes. La provincia de Río Negro adonde trabajo, tiene el índice de menor mortalidad materna por parto.

El pueblo argentino vive un momento de gran protagonismo, aunque no tiene la unidad que se necesita para lograr impactos que modifiquen las políticas educativas públicas. El pronóstico es reservado en cuanto a la modificación de la adversa realidad. La esperanza es la nueva conciencia de la justicia alcanzada. ¿ella le permitirá pasar de la resistencia a la acción política popular efectiva? es un interrogante que se contestará en el futuro inmedia.

“Mi práctica unida a otras prácticas, son la base de la esperanza.”
Paulo Freire

Para saber mais:

<http://www.acores.com.ar>

Sitio de Angélica Cores (TRABAJOS PERSONALES)

<http://www.barriosdepie.org.ar/>

PAGINA OFICIAL DE LA ORGANIZACION SOCIAL BARRIOS DE PIE

http://en.wikipedia.org/wiki/Domingo_Sarmiento

BIOGRAFIA DE DOMINGO FAUSTINO SARMIENTO PROCER DE ARGENTINA

<http://www.lasalle.org.ar/sap/freire.htm>

PASTORAL SOCIAL CATOLICA

Site da Rede de Educação Popular e Saúde

site <http://www.redepopsaude.com.br/> é um esforço da Rede para organizar, coletar e utilizar diversos produtos que pessoas e grupos ligados a ela vêm criando ao longo dos anos. Além de informações sobre a Edpopsaude e a Aneps o site conta com o Varal de Textos que coleta desde relatórios até produções de arte relacionados à educação popular e a saúde, ordenados de forma temática. Ainda, o sítio web disponibiliza enlaces para outros sites de interesse, como blogs (diários online) e podcasts (audios online), e contém minisites sobre os Encontros Nacionais e a pesquisa que originou a Aneps. O site, em breve, será reformulado para se transformar em um Portal de Educação Popular em Saúde.

Conheça a Lista de Discussão Edpopsaúde

A Rede de Educação Popular e Saúde tem uma lista de discussão na internet que já tem quase dez anos de intensos debates. É uma lista onde o educador popular pode se expressar, procurar referências, acolher e ser acolhido. Somos mais de 700 membros de toda parte do Brasil e do exterior. Tem gente da academia, dos serviços, da gestão, lideranças e artistas populares. São mais de 300 mensagens todos os meses. Quer conhecer nossa lista? Entre em contato: <http://br.groups.yahoo.com/group/edpopsaude>